

Compete-nos hipotecar nossas forças à obra de redenção das nossas atividades, porquanto não é justo oferecer pão ao faminto e agasalho aos nus, relegando-lhes o espírito à sombra da ignorância.

E' louvável dar o que temos nas mãos, contudo, é mais importante dar nossas mãos para que o ajudado aprenda a ajudar-se.

Consideramos indispensável uma campanha de boa vontade, suscetível de alijar da nossa luta benemérita tudo aquilo que represente acomodação com o menor esforço, para que o nosso ideal traduza lição de Nosso Senhor Jesus-Cristo em nossas atitudes de cada hora.

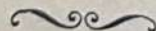
Para isso, porém, é inadiável o esforço ingente de nossa própria regeneração, de modo a não perdermos tanta esperança na música das palavras vazias.

Devemos estabelecer a competência mediúnica em base de solidariedade humana, a expressar-se em serviço aos semelhantes, entendendo, no entanto, que ninguém pode servir, ignorando como servir.

Disso decorre o impositivo de luz em nosso cérebro e em nosso coração, para que o serviço espiritista seja realização do Divino Mestre conosco e por nós.

Arejemos, pois, o mundo íntimo no santuário da educação, para que a mediunidade e o amor não se escravizem à sombra e roguemos ao Pai Celestial nos conceda a precisa coragem de viver o Evangelho de Jesus, hoje e sempre.

ARGEU PINTO DOS SANTOS



XVI

Amarga experiência

Na noite de 24 de Junho de 1954, tivemos a agradável e comovente surpresa da visita de um companheiro que, tempos atrás, fôra assistido pelos Instrutores Espirituais, por intermédio de nosso Grupo.

Lembramo-nos de que, em seu primeiro contacto conosco, trazia a mente obcecada por visões de ouro.

Regressando às nossas tarefas, na noite mencionada, deixou-nos a sua "amarga experiência", que constitui, em verdade, uma grande lição para nós todos. Através dela, podemos observar como as ideias inferiores, com o tempo, se cristalizam em nossa alma, impondo-nos aflição fixação mental, decorrente de nossas próprias criações íntimas.

O irmão F., nome pelo qual passaremos a designar o companheiro, cuja mensagem vamos transcrever, foi na Terra grande banqueiro. Certamente não foi um criminoso, na acepção comum do termo, mas, pelo conteúdo espiritual de suas manifestações, parece haver sido um desses homens "nem frios, nem quentes", do símbolo evangélico, que, trazendo a mente amornada na ideia do ouro, durante a existência na carne, ficou por ela dominado em seus primeiros tempos, além da morte.

Senhores!

Perdoai-me o tratamento, entretanto, não me sinto ainda à altura de chamar-vos "amigos" ou "irmãos".

Sou apenas um mendigo de retorno ao vosso templo de caridade, a fim de agradecer, ou simplesmente um homem desencarnado, em tremenda guerra consigo mesmo, para não arrojar-se ao abis-

mo da loucura, porquanto a loucura, quase sempre, resulta de nossa inconformação ante a realidade das situações e das coisas.

Com aprovação de vossos orientadores, venho trazer-vos o meu reconhecimento e algo de minha amarga experiência, como aviso de um naufrago aos viajantes do mundo.

Quantas vezes afirmei que o dinheiro era a solução da felicidade!...

Quanto tempo despendi, acreditando que a dominação financeira fôsse o triunfo real na Terra!...

No entanto, a morte me assaltou em plena vida, assim como o tiro do caçador surpreende o pássaro desprevenido no mato inculto...

Como foi o meu desligamento do corpo físico e quantos dias dormi na sombra, por agora, nada sei dizer.

Sei hoje apenas que acordei no espaço estreito do sepulcro, com o pavor de um homem que se visse repentinamente enjaulado.

Sufocava-me a treva espessa.

Horrível dispneia agitava-me todo.

Queria o ar puro...

Respirar... respirar...

E gritei por socorro.

Meus brados, contudo, se perdiam sem eco.

Ao cabo de alguns instantes, notei que duas mãos vigorosas me soergueram e vi-me, depois de estranha sensação, na paz do campo, sorvendo o ar fresco da noite.

Que lugar era aquele?

Uma casa sem teto?

De repente, a cambalear, reconheci-me rodeado de grandes caixas fortes...

Ao frouxo clarão da Lua, reparei que essas caixas fortes surgiam milagrosamente douradas...

Tateei-as com dificuldade, percebi palavras em alto relevo e verifiquei que eram túmulos...

Espavorido, transpus apressado as grades daquela inesperada prisão.

Vi-me, semilouco, na via pública.

Devia ser noite alta.

Na rua, quase ninguém...

Um bonde retardado apareceu.

Achava-me doente, inquieto e exausto, mas ainda encontrei forças para clamar:

— Condutor!... condutor!...

O homem, porém, não me ouviu.

Caminei mais depressa.

Tomei o veículo em movimento e consegui a situação do pingente anônimo; todavia, com espanto, observei que o bonde era todo talhado em ouro...

As pessoas que o lotavam vestiam-se de ouro puro.

O motorneiro envergava uniforme metálico.

Intrigado, sentia medo de mim mesmo.

E, para distrair-me, tentei estabelecer uma conversação com vizinhos.

Os circunstantes, porém, pareciam surdos.

Ninguém me ouvia.

Vencendo embaraços indefiníveis, alcancei minha residência.

As portas, no entanto, jaziam cerradas.

Esmurrei, chamei, supliquei...

Mas tudo era silêncio e quietação.

E quando fitei o frontispício do prédio, o ouro me cercava por todos os lados.

Acomodei-me no chão de ouro e tentei conciliar, debalde, o sono, até que, manhãzinha, a porta semi-aberta permitiu-me a entrada franca.

Tudo, porém, alterara-se em minha ausência.

Ninguém me reconheceu.

Fatigado, avancei para meu leito...

Mas o velho móvel apresentava-se-me agora em ouro maciço.

Senti sede e procurei a água simples, entretanto, o líquido que jorrava era ouro, ouro puro...

Faminto, busquei nosso antigo depósito de pão.
O pão, todavia, transformara-se.
Era precioso bloco de ouro, de cuja existência,
até então, não tinha qualquer conhecimento em nos-
sa casa.

Meditei... meditei...

Todos os meus afeiçoados como que conspira-
vam contra mim...

Não passava de intruso em minha própria mo-
radia.

Dia terrível aquele em que reassumia ou ten-
tava reassumir o meu contacto com os seres ama-
dos que, naturalmente, me deviam assistência e
carinho!...

Depois de vastas reflexões julguei-me demen-
tado.

Assinalei, dentro de mim, a necessidade do
amparo religioso.

Iniciei dolorido exame de consciência.

Seria eu católico?

Em verdade, se eu me houvesse consagrado à
religião, não teria outra escola de fé.

Colaborara no erguimento de instituições pias.

Conhecia pessoalmente o Senhor Arcebispo.

Convivera com sacerdotes.

Frequentava, de quando em quando, as igrejas,
por imperativos da vida social.

Conhecia as obrigações do culto exterior.

Ai de mim!... porque não obtinha o repouso
necessário?

Passou o dia e veio a noite.

Alta madrugada, tornei à via pública e nela
perambulei, vacilante, procurando, através dos tem-
plos, alguma porta que se me descerrasse, acolhe-
dora.

As igrejas, no entanto, estavam repletas.

Movimento enorme.

Mais tarde, vim a saber que outros desencar-
nados como eu imploravam socorro...

Vagueei... vagueei... até que atingi um san-
tuário de bairro humilde.

Amanhecia...

Vários grupos de crentes chegavam para a
missa.

Gente simples, gente pobre.

Entrei.

Conturbado e aflito, senti necessidade da con-
fissão.

Afinal, eu era um católico que relaxara a pró-
pria fé.

Sem que ninguém me escutasse os apelos, pedi
a presença de um padre.

Avancei para o confessionário e pus-me de joe-
lhos, mas, em poucos momentos, o confessionário
convertia-se para mim num guichê de banco.

Sobressaltado, ergui meus olhos para o altar.

O altar, porém, transformara-se em cofre forte.

Intentei consolar-me com a visão do missal,
mas o livro do culto, de repente, surgiu metamor-
foseado num velho livro de minha propriedade, em
que eu lançava, às ocultas, as minhas notas de ren-
dimento real.

Diligenciei isolar-me.

Temia a loucura completa.

Ainda assim, levantei meu olhar para a ima-
gem da Virgem Maria.

Naturalmente, ela teria pena de mim, contudo,
ante a minha atenção, a imagem reduziu-se a uma
jóia de alto preço...

Fêz-se toda de ouro, de ouro puro...

Voltei-me para dentro de mim.

Busquei orar, orar, orar... sem poder.

A missa começara e tive a esperança de que
o momento reservado à Comunhão Eucarística seria
aquele da visitação do Santíssimo Sacramento.

O Santíssimo purificaria o lugar em que eu,
pecador, me encontrava...

Todavia, quando alcei meus olhos para o sacer-

dote, que empunhava, então, o cálice sagrado, notei que as hóstias eram moedas tilintantes.

Horrorizado, tentei reconfortar-me com a visão da cruz...

Procurei-a, acima do altar que se havia erigido em cofre forte, mas a cruz transformou-se também num grande cifrão...

Ó Deus! que restava, então, de mim, senão o usurário vencido?!...

Apavorado, tornei à rua.

Sentia agora mais sede, muita sede...

Voltei-me para o corpo da igreja, como um filho expulso do próprio lar, contudo, não mais a vi.

Apenas, estranha voz no alto gritou aos meus ouvidos, ensurdecidamente:

— Amigo, os filhos de Deus encontram nas casas de Deus aquilo que procuram... Procuravas o ouro... Ouro encontraste...

Qual mendigo desamparado, fugi sem destino.

Queria agora apenas água, água pura que me dessedentasse.

Conhecia a cidade.

Demandeí uma caixa d'água que me era familiar no alto do bairro de Santo Antônio (1).

A água, ali, corria em jorros.

Podia debruçar-me...

Podia beber como se eu fôra um animal e, prostrado, não mais de joelhos, mas de rastros, imploraria a graça de Deus.

Achei a água corrente, a água límpida visitada pela luz do sol e estirei-me no chão...

Mas no momento preciso em que meus lábios sequiosos tocaram o líquido puro, apenas o ouro, o ouro apareceu...

Reconheci haver descido à condição de um alienado mental.

(1) Refere-se o comunicante a um dos bairros da cidade de Belo Horizonte.

Lembrei-me, então, de velho amigo... Cícero Pereira... (1)

Cícero era espírita e, por esse motivo, tornou-se para mim alguém que eu supunha, em minha triste cegueira, haver deixado na retaguarda da loucura.

Bastou a recordação para que a voz dele se me fizesse ouvida.

Acudia-me ao chamado.

Amparou-me.

Conversou comigo.

Depois de algumas horas de esclarecimento, que eu não pude aquilatar com segurança, trouxe-me para junto de vós.

Sobre a mesa que vos serve, depararam-se-me folhas impressas que me pareceram cédulas valiosas.

Esforcei-me por fixar o Evangelho que compulsáveis no estudo, mas, contemplando o Livro Divino, nele identifiquei apenas um livro de cheques...

Não obstante atordoado, registei-vos a palavra consoladora.

Fui socorrido.

De imediato, quase nada pude reter de vossos apelos e ensinamentos.

Contudo, depois de alguns dias, o benefício das exortações recebidas renovou-me o íntimo e, de amigos espirituais que presentemente me ajudam a recuperação, aceitei a incumbência de lidar com os associados de meu pretérito, velhos conhecidos e amigos que manejam o dinheiro do mundo, para, através deles, algo realizar que me possa refazer a esperança...

Desde então, tenho falado em espírito, com mais de mil pessoas, com mais de mil depositantes

(1) Reporta-se a Cícero Pereira, batalhador da Causa Espírita, em Minas Gerais, cuja palavra figura também neste livro. — Nota do organizador.

de ouro e preciosidades, suplicando atenção para a caridade...

Entretanto, qual aconteceu com as sentinelas da vida espiritual que me buscavam noutro tempo, tenho visto apenas ouvidos de mármore, cabeças de pedra e corações de gelo...

Sòmente agora, nesta semana, atingi um grande resultado.

Aproximei-me, com êxito, de um homem que guardava algumas economias.

Pude abeirar-me dele e dar-lhe um pensamento: — "Oferecer um cobertor a uma viúva pobre."

Ele acatou a sugestão.

Comprou o cobertor e, em minha companhia, ele mesmo entregou essa esmola de agasalho a quem tinha frio!...

Então, pela primeira vez, depois da morte, uma nova alegria brotou de minha alma!...

Tenho hoje a ventura de crer que as visões do ouro terrestre ficarão para trás... Doravante, espalharei, de coração erguido a Jesus, o ouro do trabalho, o ouro do pão, o ouro da água, o ouro da prece...

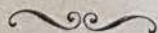
Ó Senhor, que esses fios de algodão, dados de boa vontade, me envolvam também agora!...

Sejam eles o primeiro sinal de minha definitiva renovação, a luz da prece de reconhecimento que venho, feliz, partilhar convosco!...

Senhores, muito obrigado!

Que Deus vos recompense!...

F.



XVII

Na viagem do mundo

Na noite de 1 de Julho de 1954, o Grupo recebeu a visita de Dalva de Assis, abnegada orientadora espiritual das tarefas doutrinárias de alguns dos componentes de nossa agremiação.

Com a sua palavra encantadora e simples, mostrou-nos como a sombra lança mão de vários subterfúgios para embarçar-nos o passo, na conquista do aprimoramento espiritual, despertando-nos, ao mesmo tempo, para a rota cristã, a fim de que não nos falte a bússola da bondade e da fé, com a qual encontraremos o porto da Luz e da Verdade.

"Quem me segue não anda em trevas..." — prometeu-nos o Eterno Amigo.

Se avanças, assim, em companhia do Mestre, sob o nevoeiro do mundo, muitas vezes serás interpelado pela sombra, através daqueles que te palmilham a senda.

Em plena estrada, dir-te-á pelo rebelde:

— Perdão é covardia.

O ódio alimenta.

Incendeia o caminho.

Oprime e passa.

Dir-te-á pelo ambicioso:

— Não cogites dos meios para alcançar os fins.

Dar é tolice.

O interesse acima de tudo.

Mais vale um vintém na Terra que um tesouro nos Céus.

Exclamará para os teus ouvidos pela boca dos viciosos: